

Um tema controverso, este da relação entre

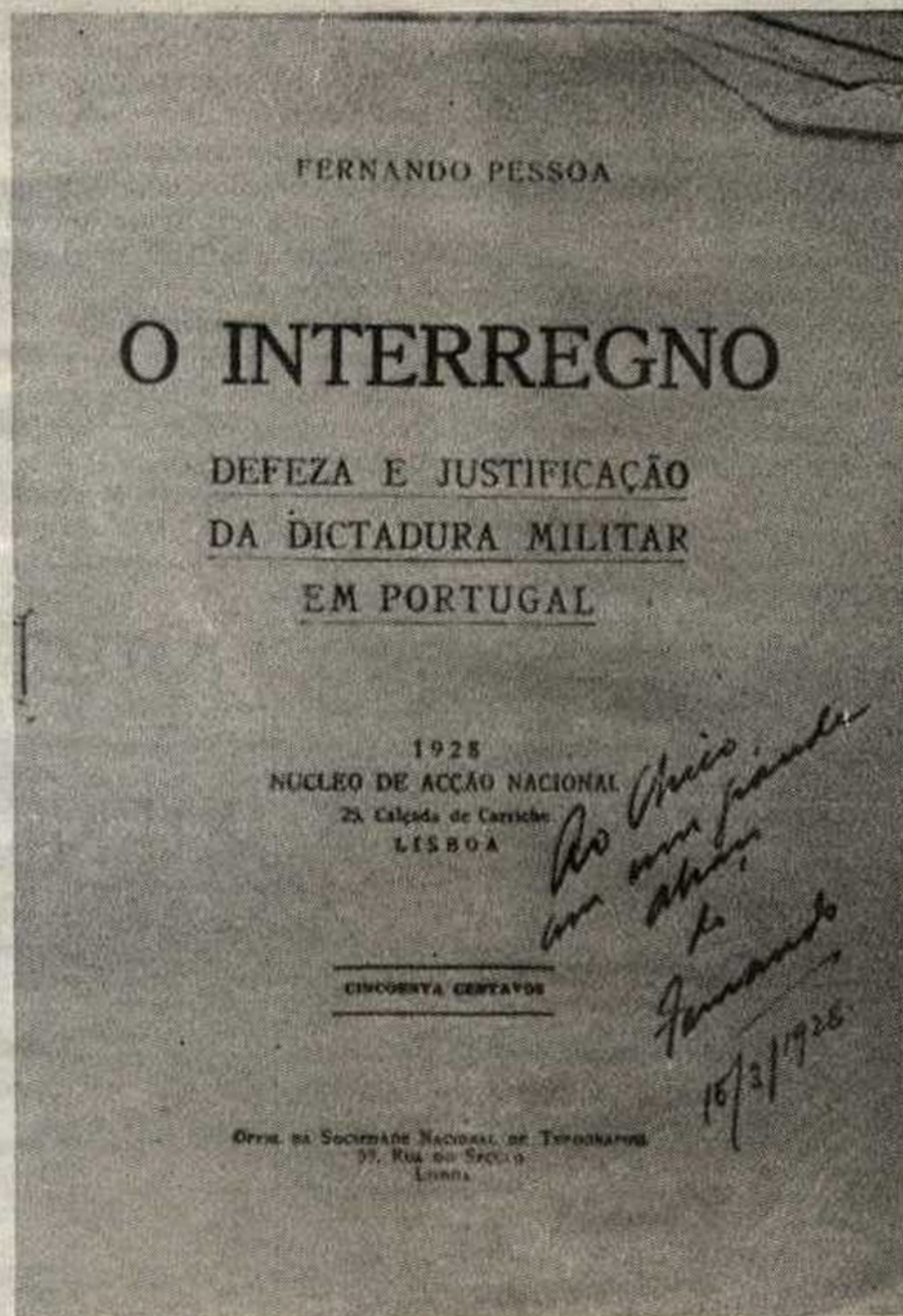
Fernando Pessoa e o Estado Novo

João Rui de Sousa

Estão os factos no uso da palavra, não quero interromper o orador.

Fernando Pessoa

Na selva cósmica, mas lili-putianamente sórdida e perversa, em que por vezes parece querer transformar-se a nossa vida intelectual e, se possível com maior acentuação, o universo dos que estudam a vida ou a obra de Fernando Pessoa — com alguma gente, não por lapso ou desconhecimento (um e outro compreensíveis e desculpáveis), mas por pura perfídia carreirista e insensibilidade moral, a querer apropriar-se de ideias ou projectos que **sabiam** ser de outros e, pior um pouco, a **servir-se** sem pudor, sem o mínimo respeito pelas regras do trânsito, sem referência da verdadeira autoria, do que outros escreveram, do esforço intelectual que outros fizeram —, tentaremos desenvolver agora, neste ano de justificado comemorativismo pessoano, uma reflexão já iniciada ou indiciada em notórias passagens dum livro por nós publicado vai para dois anos e meio (1), sobre as relações visíveis ou encobertas, públicas ou clandestinas que, num plano de fundo de guerrilha aberta, podemos observar entre o poeta dos heterónimos e o Estado Novo ou o seu chefe. Uma reflexão que, centrada no próprio ano da morte de Fernando Pessoa, procuraremos tornar o mais possível englobante, mas sintética, e não esquecer alguns **apports** que, no imediato, nos pareceram mais significativos para o fim em vista.



Capa do panfleto *O Interregno*, publicado em 1928

Pessoa sobre Salazar: "Quem nos roubou a alma?"

JORNAL DE LETRAS 14/06/1988



Fernando Pessoa visto pelo caricaturista do X em 1935



De tão desconhecido que era, ainda no ano da sua morte foi preciso o jornal do — esse sim, famoso — Repórter X gastar uma página para provar que, «felizmente para as letras portuguesas»

Fernando Pessoa existe

Ilídio Rocha

Nove meses antes de morrer. Fernando Pessoa era não só ignorado do grande público português — o que seria natural — como até entre os mais esclarecidos apenas uma meia dúzia o conhecia e, obviamente, admirava.

Em 1935, ano da sua morte, o poeta era tão desconhecido nos meios lisboetas — e tinha acabado de ganhar o prémio da poesia do Secretariado de Propaganda Nacional (da categoria B embora) — que ao aparecer, no *Diário de Lisboa* de 4 de Fevereiro, um artigo polémico assinado com o seu nome, a reacção geral foi a de tentar saber quem seria aquele corajoso que não conheciam, nem de nome, indo muitos ao ponto de admitirem tratar-se de pseudónimo. E a curiosidade por um lado, e a confusão por outro, eram tais, que o seu admirador e amigo Reinaldo Ferreira (Repórter X) se sentiu na obrigação de dedicar uma página do jornal que então dirigia a explicar ao seu público que não só Fernando Pessoa existia como até era festejado nas colunas do londrino *Times*.

De que vive e como vive o poeta

Como não vive da sua obra, nem é rico, trabalha «como qualquer empregado bancário — das tantas às tantas... Conhece o inglês, escreve-o como qualquer redactor do *Times*. É essa a sua profissão: tradutor. O seu contacto com a vida, fora das horas da faina profissional — é regateado: uma hora, todas as tardes, no 'Martinho da Arcada', no Terreiro do Paço, cercado por uma dúzia de jornalistas, poetas, escritores, artistas... Discute-se arte e poesia e livros e acontecimentos (...)

«Dizem que vive sozinho, num bairro distante do centro, numa rua em que o sol catadupa, generoso, Não tem visitas. Terminada a tertúlia — some-se, tranca-se, cercado de livros, livros sempre renovados pelas remessas contínuas que lhe chegam de França, da Alemanha — mas sobretudo de Inglaterra. Poucos ingleses, mesmo profissionais de letras — estarão tão em dia com o momento literário do seu país como Fernando Pessoa...»



Augusto Ferreira Gomes, o íntimo amigo de Fernando Pessoa, segundo o caricaturista do jornal X de Reinaldo Ferreira



JORNAL DE LETRAS
14/06/1988